



O Bruno, de seis anos, lavando o largo da casa-mãe, no Tojal.

AQUI, LISBOA!

«O problema da criança das ruas é uma questão de justiça. Casa às famílias. Pão às famílias. Evangelho às famílias. Reparar bem na ordem: Casa, Pão, Evangelho. Não vá a gente pretender pregar o Evangelho aos que não têm casa nem pão. Cautela...» (Pai Américo)

Há dias, em reunião de gente devotada ao serviço dos marginalizados da sociedade, alguém, com autoridade, informou haver cerca de 2.000 pessoas, entre as quais crianças, a dormir ao relento ou em vãos de escadas na zona da cidade de Lisboa. Numa reportagem dum semanário lisboeta, sob o título «Quem quer os filhos do desamor?», diz-se textualmente que «o número de abandonos de recém-nascidos tem aumentado de ano para ano», residindo tal acréscimo mais em razões afectivas do que económicas. Por sua vez, noutro semanário da capital, de que Leitora atenta teve a amabilidade de nos remeter uma fotocópia, sob a rubrica «Felizmente há Metro», ilustrada com uma fotografia, escreve-se: «Dormir ao relento, sobre o bafo quente do gradeamento do Metropolitano da Praça da Figueira, em Lisboa, pode não ser o ideal de Morfeu, deus do sono e dos sonhos. Mas para algumas crianças lisboetas que ali pernoitam com a regularidade dos pássaros bravios — é a única solução. Sem casa, sem família e sem qualquer tipo de protecção social, elas fizeram daquele passeio público o seu quarto de dormir, a sua sala de estar».

No ano passado, de maneira informal, anotámos cerca de 190 pedidos de admissão de Rapazes, alguns dos quais em tristíssimas condições. No mês de Janeiro, ora findo, chegaram até nós 20 solicitações para o ingresso de crianças, qual delas em piores circunstâncias. Sacerdotes, Religiosos e Religiosas, Vicentinos e outros contactam-nos a cada momento, pedindo um «lugarzinho». Sabemos, por outro lado, através dos Padres da Obra, que o mesmo se passa nas Casas de sua directa responsabilidade.

Temos intra-muros cerca de 130 crianças e jovens. No ano

transacto, a muito custo, admitimos 12 candidatos e, já no ano em curso, 3. A estabilidade da nossa população é uma característica da Obra e tanto mais o será quanto mais fiéis formos ao espírito de Pai Américo, recebendo os abandonados, sem ninguém ou em condições similares. Não podemos, pois, recolher mais ninguém e, por conseguinte, temos de repetir vezes sem conta o monossílabo «não», às vezes, sabe-o Deus, com que sofrimento!

A resolução deste problema, como dos demais, assenta essencialmente num critério de justiça e de empenhamento concreto, exigindo uma mobilização total dos recursos humanos, materiais, morais e afectivos. As crianças de hoje serão os homens de amanhã e são credoras de todos os devotos e carinhos.

A ausência dos valores morais, nos indivíduos, nas famílias e na vida colectiva, corresponde, necessariamente, o desmoramento da tecitura social. Os marginais aumentarão cada

vez mais e, sendo as respostas insuficientes, o caos reinará, com as desordens e infelicidades mais pungentes.

A Igreja, ontem como hoje, ou talvez mais nestes dias tenebrosos em que vivemos, compete anunciar os valores do Evangelho, denunciando as injustiças ou os desvios dos homens, apontando rumos e chamando a si a responsabilidade de acções exemplares, como tem sido através da História, nos diversos campos da vida, fazendo.

Ao Estado se pede e exige uma atenção cuidada a esta como a outras questões, procurando prevenir, antes de mais, ao criar condições de vida mínimas, no campo do trabalho, da educação, da habitação, da saúde e da política familiar. O mesmo se diga em relação às situações anómalas, naturais ou por falhas do percurso normal, individuais ou colectivas, promovendo ou amparando iniciativas, próprias ou de outrem, em ordem a

Cont. na 4.ª pág.

TRIBUNA DE COIMBRA

Estou a escrever em Paço de Sousa. Gostei e gosto de vir a esta nossa Casa. Agora vim também para proporcionar ao Tonito e à Rosa um passeiozinho de «dua de mel».

O Tonito e a Rosa casaram no domingo passado, na nossa Capela. Foi uma festa! Uma festa autêntica de família. Tivemos razões de sobejo para fazer esta festa por mais uma família cristã que se constituiu; e festa por um filho que atingiu uma meta alta na vida.

Nestes dias tenho recordado a vida do Tonito. Veio para nós, há 22 anos, ao cofo de uma santa de sua terra. Santa pela dedicação ao marido, aos filhos e aos Outros. Era vicentina de alma. Muitas horas de camioneta. Um dia todo de viagem. E esta Mulher vicentina nunca esqueceu o menino que veio trazer a nossa Casa!

Este menino era o sexto filho de uma mãe solteira que não tinha capacidade de se defender. Quando recebemos o

Tonito, a mãe estava internada e veio a falecer passado pouco tempo. Os sete filhos foram entregues à família e instituições. Recordo o dia em que o Tonito conheceu dois dos irmãos. Passados anos, conheceu outros irmãos e alguns familiares. Na hora do casamento, os familiares que puderam estar presentes, estavam comovidos com a festa de família.

A Palavra de Deus proclamada pelos noivos disse-nos da criação do primeiro casal. Deus criou o homem e a mulher e confiou-lhes a missão de povoarem a terra e de atenderem a todas as coisas criadas. Cada um na sua missão. O homem na sua missão própria, na sua dignidade. A mulher rainha na pureza de seu coração, sempre cheia de bondade. Casal colaborador de Deus na construção do Seu Reino.

Que o Tonito e a Rosa sejam construtores de um mundo

Cont. na 3.ª pág.

Os nossos livros

O Notas da Quinzena foi num rufo! Vai lá o tempo, em que fomos aqui aquietando as Zildas e os Zótimos com a informação da derradeira letra servida, pedindo-lhes a paciência de aguardar a sua vez. Agora, sacos com o endereço previamente impresso, tudinho a postos para a expedição, é igual a sorte de A a Z: na mesma semana 5000 livros chegaram aos seus destinatários. Até aqui, no Lar do Porto, já tive ecos de emoções e de satisfação! O que não será em Paço de Sousa!

E agora, «rei morto, rei posto». Começa já a faina para a próxima expedição, a do De como eu fui... que deve entrar na máquina por estes dias. Júlio dá-lhe os últimos retoques, na derradeira revisão de provas que é a parte dele, enquanto Bernardino e Zé Carlos as vão fixando nas chapas definitivas. Depois é a

vez do Quim Oliveira ao comando da offset.

Dizer, diz-se num instante. Leva um pouquinho mais de tempo a fazer. Mas, ainda assim, espera-se que não tarde muito. Quem dera fosse a prenda da Páscoa oferecida pela nossa Editorial!

Todavia, o próprio De como eu fui... pertence já um bocadinho à história, na medida em que é objecto apenas de feitura material. É o título seguinte o que nos ocupa e preocupa. Estava para ser Páginas de Pedagogia. Porém, a juntar às dificuldades de critério na selecção dos textos, há um pormenor muito comensinho mas que tem seu peso: a dimensão final do volume. Nem opúsculo nem dicionário.

Dai os termos que juntar assuntos, quanto possível algo

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Tojal

PAI AMÉRICO — Os nossos Rapazes participaram na abertura das comemorações do Centenário de Pai Américo, em Coimbra. D. João Alves testemunhou, na homilia da celebração eucarística, a vida de pobreza de Pai Américo, a sua dedicação total ao serviço dos mais pobres. «Homem que voluntariamente se fez pobre... procurou viver a sua pobreza», vinculada por voto canónico posto nas mãos de D. Manuel Luiz Coelho da Silva: «Em nome e por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, o grande mendigo que me tem cumulado de riquezas sem conta nem peso nem medida, declaro solenemente, humildemente, que nada desejo possuir nem saber nem pregar senão a verdadeira riqueza que o mundo ignora e que se chama Altíssima Pobreza do meu Senhor Jesus Cristo. E, assim, com a consciência clara e a visão segura das dificuldades, privações e responsabilidades da vida futura, quero ligar-me a ela por um voto de pobreza sob grave. Juro, humildemente, nas mãos do meu prelado, renunciando desde já a tudo quanto possuo ou venha a possuir, obrigando-me a viver pobremente do meu trabalho de cada dia e a entregar ao meu legítimo superior tudo quanto sobrar do meu legítimo sustento e decente vestuário.»

Assim nasce o homem pobre ao serviço dos Pobres — por amor de Cristo.

«Não esqueçamos o que o Senhor Jesus Cristo nos disse: — Bem aventurados os Pobres. Pai Américo, por Graça de Deus, é um testemunho vivo e contemporâneo deste ensinamento do Senhor que viveu com entusiasmo e fidelidade.»

Terminando a homilia, D. João Alves apela para que Deus nos ajude a meditar a Palavra de Jesus Cristo no testemunho de Pai Américo, modelo de pobreza ao serviço dos Pobres: «Pobreza que é despreendimento das preocupações materiais, além do pão de cada dia. Pobreza que é confiança absoluta no Senhor, na acção do seu Espírito e na eficácia da palavra revelada e não nos meios e forças humanas. Pobreza que é ao mesmo tempo força para tornar seus os problemas dos Pobres. Que Deus ajude ainda mais evangélicamente, de modo que tenham energia, decisão e libertação para anunciar, como o Pai Américo, o Evangelho da Salvação. Que Deus abençoe todos quantos formam a Obra da Rua para que possam ser sempre, pelo vigor da sua fé e da sua caridade, interpeladores e provocadores dos baptizados adormecidos, para uma vida cristã mais verdadeira e apostólicamente mais fecunda. Que as comemorações do Centenário de Pai Américo sejam um estímulo para a renovação da Igreja em Portugal segundo as orientações pastorais do Concílio que nos chamam fortemente à prática do Evangelho e sejam também em todos os Portugueses e governantes o revigorar da consciência das suas responsabilidades na solução dos graves problemas de justiça e pobreza existentes no nosso País.»

Na sessão solene realizada no auditório da Reitoria da Universidade

— sobre a figura carismática de Pai Américo — estiveram presentes, também, os Bispos da Guarda e de Portalegre e Castelo Branco, autoridades académicas e militares, o Clero e Religiosos e muitas pessoas idas de todo o País. Apresentaram os testemunhos de amizade e vida de Pai Américo, o Bispo de Aveiro, D. Manuel Almeida Trindade, e quatro pessoas muito ligadas a Pai Américo: o Cônego Augusto Nunes Pereira, seu condiscípulo, que se ordenou no mesmo dia que Pai Américo; José Carlos de Sá, que colaborou, de perto, com ele; Carlos Manuel Trindade, um gaiato do seu tempo; e, por fim, o Guido, que está na nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Encerrou a cerimónia D. João Alves, que sempre tem manifestado profundo apreço e grande admiração por Pai Américo.

CASAMENTO — No dia 14 de Dezembro de 1986 foi o casamento do nosso João Manuel de Almeida com a Dalila Reis Braga, na Igreja de Santo Antão do Tojal. Compromisso que tomaram ao colocar a sua longa preparação no altar e ao assumir a responsabilidade familiar pelo sacramento do Matrimónio, o compromisso de fidelidade para com a Palavra de Deus: «Não separe o homem o que Deus uniu».

Em nossas Casas, o casamento é sempre uma cerimónia festiva que nos enche de alegria. É um nosso irmão que sai da Comunidade e vai constituir a sua própria família, a seu gosto, livremente, sem dispensar, contudo, a opinião dos que ficam.

João e Dalila, queremos que nunca nos esqueçam. Contamos também com o vosso lar, assim como podeis contar com o nosso. As palavras que ouvistes na homilia do nosso Padre Luiz são, para todos, compromisso de fidelidade e de união. Olhem sempre para a frente porque o amor resume-se em «fazer o bem», iluminados com a Luz de Deus. Não há palavra maior entre os homens que a do Amor. O Matrimónio é a instituição natural e sobrenatural a que está exclusivamente confiada a missão de transmitir a vida.

João e Dalila, queremos aqui deixar os nossos votos de que sejais felizes



Casamento do João (da Casa do Gaiato de Lisboa) e Dalila

e gozeis a brisa suave e o sol de cada dia, no vosso lar, com harmonia e paz.

José Manuel dos Anjos

Lar de Coimbra

RELOJOEIRO — Trago, à baila, uma relojoaria da Portagem porque topei de como Pai Américo começou a usar relógio de pulso.

Isto conta o sr. José de A. Coragem. Um dia, Pai Américo passava ali, à pressa, queixando-se que não tinha horas. Insisti várias vezes. O relógio de bolso tinha caído... O sr. Coragem não tinha, na altura, desses relógios e ofereceu um, de pulso. Pai Américo não gostou porque não estava habituado.

Mas a pressa era muita e aceitei, incitado pelo relojoeiro. Pô-lo, então, no bolso.

Noutra altura, quando Pai Américo lá passou, disse que, afinal, o relógio de pulso era mais prático. Não precisava de estar a desabotoar a batina.

ESTUDO — Procuramos, com as nossas limitações, estudar para alcançar objectivos.

No primeiro período houve negativas e positivas. Uma primeira etapa de adaptação, experiência e trabalho. O actual período é maior e maior também a vontade de ultrapassar as barreiras. Confiamos...

AGRADECIMENTO — Agradecemos os dicionários que nos ofereceram. Agora, temos o necessário. Obrigado.

PAI AMÉRICO — Em Portugal procuram-se caminhos de pastoral, quer juvenil quer de adultos. Sugeriria um tema:

Como celebramos o centenário de Pai Américo, nessa pastoral ele figure como modelo a seguir.

Há muito que reflectir — e fazer!

Guido

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

CONTAS — São um hino de Acção de Graças, analisadas no verdadeiro sentido: com os albos da Fé.

Em Paço de Sousa, graças a Deus, não há lareiras miseráveis — que a gente saiba. É a maior freguesia do concelho de Penafiel...

Procuramos repor, em tudo e por tudo, a dignidade do Pobre como filho de Deus — imagem de Cristo pela doutrina do Corpo Místico.

As Contas de 1986 — já comunicadas ao Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo e à paróquia que servimos — revelam que os nossos estimados Leitores — oh maná celeste! — partilham 1.579.206\$50 pelos nossos Pobres.

São mais de vinte deles. Não contando muitas ajudas esporádicas ou temporárias a quem sofre no corpo a crise das crises... Neste aspecto, há testemunhos que obrigam a levantar as mãos ao Céu: O chefe duma família, desempregado, sem quê para pôr ao lume, muito menos na mesa para os filhos. Era a fome! O vicentino dá fé. Estende a mão ao desempregado — sem revelar às turbas. O caldo, a borra, o conduto voltam à mesa daquela gente — o que dá mais força ao homem em busca de trabalho. Entretanto, como quem procura uma agulha no palheiro, topa um serviço com duração e, exultante, sorriso nos lábios e um abraço de paz, diz ao amigo: — Não preciso mais, graças a Deus. Arranjei trabalho!

Para além das ofertas generosíssimas dos nossos Leitores por intermédio d'O GAIATO — qual Banco da Providência! — recebemos, ainda, 138.019\$99 doutras proveniências, durante o ano de 1986.

Em contrapartida, distribuímos 1.160.458\$50 de auxílios domiciliários: a viúvas, velhos, desempregados, mães solteiras, outras separadas; e a doentes, cujos remédios valeram, na botica, 56.300\$00.

Distribuímos, ainda, 11 «pequenos auxílios» a outros tantos Autoconstrutores; reparámos 5 moradias do Património dos Pobres; mensalmente, pagamos 3 rendas de casas — tudo no valor de 366.586\$00.

E mais e mais — diria Pai Américo.

Graças a Deus!

PARTILHA — Da capital, três contos e «nada de agradecimentos. A agradecida sou eu». O assinante 26983, de Gaia, a mesmíssima intenção. «Eu e Ela», presença amiga de sempre. 1.500\$00, dos Carvalhos. Mais um pouco da assinante 2869, de Figueira de Castelo Rodrigo. A presença regular de «uma portuense qualquer». Quem será?!

Mil, duma anónima. Cinco vezes mais do assinante 4395, de Famalicão. Outro anónimo — assinante 6304 — com uma grande bolada. Graças a Deus! «Pequena lembrança» da assinante 35019. «Pequena ajuda» — oferecida «de todo o coração» — proveniente de Foz Côa. Outra anónima, da rua António Carneiro, Porto, dois mil. Um pouco mais, de Peniche. Outra vez Porto, pela mão da assinante 4023. «Velha» amiga Berta também segue na procissão. Mais Porto, assinante 7769. Espinho: «2.º semestre da minha contribuição». Da avenida EUA, Lisboa, um cheque. «Pequeno óbulo» dos Amigos de D. António Barroso. A presença habitual da assinante 19177. «Maria de Portugal» com a «migalha mensal». Mil escudos do assinante 27527, de Viseu. Assinante 9790, de Oliveira do Douro, invoca «uma oração por todos os que sofrem, física ou moralmente». Caridade cristã!

Um cheque de Ferrel. Vale postal de «uma assinante de Paço de Arcos» — que não falha. 500\$ da assinante 13109, de Fafe. «A velha amiga de Estremoz» comparece com a amizade de sempre. Vale postal da Borralha, Águeda. Mil escudos da assinante 27060, do Porto. Idem, da assinante 22628. Idem, de Pedras Rubras:

«Correspondente ao que gastaria em flores no aniversário de meus pais, já falecidos». Óbulo de Nelas. O costume da «Avó de Sintra» com a generosidade de sempre. «Mãe dum assinante», da capital, outros mil. Assinante 31104 desfaz-se em bondade e, assim, alivia também a sua cruz. Vinte rands da África do Sul. Cheque de Irene. E um vale de correio, de Maria Luísa.

Mais um cheque da assinante 23066, de Sebadelhe, «por alma de um irmão». Mais «algumas sobras», da assinante 5585, do Luso. Mais um cheque, de Barcelos, assinante 16415. Mais um remanescente, de Molelinhos, «para a maior necessidade da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa». Outra «migalha», da assinante 12313. «Assinante de Paço de Arcos» torna com o vale postal mensal. Há quantos anos!

De Vila Nova de Gaia, assinante 13305, cinco contos. Assinante 10784, de Ermesinde, 500\$00. «Sempre amiga», da capital, dá a sua mão «para valer a um irmão mais necessitado». Do assinante 23387, quatro contos — e «não é preciso agradecer, basta pôr o meu número de assinantes». Cumprimos.

A. F. aparece muitas vezes, há muitos anos; traz 900\$00 e muito amor aos Pobres. Do Fundão, o costume costumeado. De Ponte de Gouve, reparte-se por vários sectores e pelos Pobres da nossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Mais um remanescente da assinante 6205. E é tudo!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

F. C. DO PORTO — A equipa do F. C. do Porto veio a nossa Casa, em 23 de Dezembro, como já é do conhecimento geral, para confraternizar connosco e conhecer a nossa Aldeia.

Ofereceram material desportivo, de que carecíamos e provaram que são pessoas normais, com espírito de solidariedade, que sentem os problemas dos outros.

Uma prenda muito especial: a visita dos craques do F. C. do Porto!

DESPORTO — Em 1 de Janeiro defrontámos o F. C. de Paço de Sousa. Jogo muito disputado que terminou com um empate a 2 bolas — e serviu para estrearmos o equipamento que o F. C. do Porto ofereceu.

Em 11 de Janeiro recebemos um clube de Miragaia que venceu por 5-4 e com todo o mérito, já que a nossa equipa nunca pôs em prática o futebol que sabe jogar.

Convidamos as associações desportivas, interessadas em partidas de futebol, para nos contactarem, especialmente associações com equipas de escalões juvenis.

Ludgero Paulo



Do que nós necessitamos

Vossas cartas trazem o que necessitamos. É uma experiência rica a comunhão nascida da mesma mensagem que leva e traz. «Que Deus vos ajude a resolver com sabedoria os problemas que vão surgindo. A vida, sem o vosso testemunho, ficaria tão pobre! Obrigada, pelo bem que fazeis e eu não sou capaz de fazer.» É uma graça este encontro! Apetece-nos falar a mesma linguagem e dizer: — Obrigado, pelo bem que nos fazeis.

Estamos ainda no Natal. Esta coluna tem o sabor do Natal porque foi inspirada no tempo de Natal. A frente vêm os pequeninos com 100\$, 500\$ e todos com a marca «anónimos». Acharos graça à maneira como se apresentam: «Não temos valor, mas damos com muito amor». Passaram pelo nosso Lar do Porto, na Rua D. João IV, 682; estiveram no Espelho da Moda, à rua dos Clérigos; vieram à Casa do Gaiato, em Paço de Sousa. Um cheque «muito pequenino», de 5.000\$00. O dobro, da assinante 15.580; vinte mil, de Gondomar e outros 20.000\$00, em nome das Antigas Alunas do Colégio do Sardão. De Espinho, 3.000\$00 e 50.000\$00, «pequena ajuda», de Manuel João. Agora, é a filha que presta homenagem a sua mãe

e manda 10.000\$00; outro tanto, de Rosa. 15.000\$00, de uma leitora d'O GAIATO; de Avanca, 25.000\$00 e que «o Senhor aceite esta pequenina oferta». Está aqui o Evangelho: «Tudo o que fizerdes a um dos Meus irmãos mais pequeninos é a Mim que o fazeis». De Maria Júlia, 55.000\$00: «Aqui estou para oferecer o meu pequeno contributo e participar no Natal dos gaiatos». Mais presenças de 1.000\$; 5.000\$; 10.000\$. De João, trinta mil. Fomos ao Espelho da Moda e trouxemos, como de costume, tudo o que lá deixastes. Mais 10.000\$00 «para abater à dívida que contraí para com a Obra da Rua». De uma tripeira, 10.000\$00 e «que Pai Américo me ilumine para dar mais vezes o que, às vezes, não faço por desleixo». Quanto bem podemos fazer e não fazemos! Ficamos amarrados. Não andamos e não deixamos com as nossas omissões que outros andem. Parei outra vez. Li e voltei a ler, admirado com tanta delicadeza: «(...) É apenas uma caixinha de cartão, na qual estão alguns objectos que pertenceram à nossa família, durante muitos anos. Um par de brincos de brilhantes, 1 salva de prata, 6 garfos e uma saca do mesmo metal e ainda uma aliança de ouro.

Poderão dar uma ajudinha ou à vossa Obra ou a alguém dos muitos que a ela recorrem... É um modesto contributo que faço com muito carinho e também algum pesar por não poder dispor de outras coisas inúteis porque, guardadas, não prestam serviço a ninguém...». E mais e mais. É a sabedoria dos Pobres que não os deixa prender-se às coisas «inúteis» porque, «guardadas, não prestam serviço a ninguém». De Lordelo, 20.000\$00; mais, da Ordem do Terço, pelas mãos de sacerdote amigo; metade, da assinante 36.202; remessas de dois mil, de três mil e de mil, com esta dedicatória: «Senhor, obrigado por me dares vontade de ajudar os outros». 15.000\$, de Mimosa; 80.000\$00, de Fernando, com o recado de apagar o «incêndio» mais urgente. 40.000\$00, de Maria Antónia. De Santarém, 3.000\$00; dez vezes mais, de Leiria; metade

de Valadares, com um abraço amigo da Margarida, Manuel e família. 40.000\$00, da Quinta do Souto; outra metade, do assinante 22339. Mais doutrina social da verdadeira: « (...) Graças a Deus posso enviar as minhas migalhas com muito amor. Mais amor que propriamente valor, é certo, mas a verdade é que eu vivo da minha pensão e agradeço a Deus a possibilidade que me dá: empresto a Deus!, e Ele paga multiplicando os meus pequeninos empréstimos. Assim, jun-

to cheque de 60.000\$00». Este raciocínio escapa à lógica do mundo. Por isso os homens pensam, pensam e alguma coisa se vai resolvendo, mas muito mais fica para trás. De Rio Tinto, 5.000\$; mais 1.000\$; mais 1.000\$00, numa carta da esposa do assinante 16065/A. Vamos lembrar o seu Carlos Sérgio. Dez mil; mais 16 mil, de Lúcia.

E a coluna apenas começou. Vai continuar a crescer.

Padre Manuel António

TRIBUNA de Coimbra

Cont. da 1.ª pág.

novo, muito melhor do que aquele que encontraram. Um mundo de Deus e dos homens.

Em Paço de Sousa a nossa primeira visita foi à Capela. A Capela é o centro da vida nas Casas do Gaiato. Nesta Capela, além da presença real do Senhor, está a sepultura dos restos mortais de Pai Américo. A cruz de pedra e a jarra de flores dão sinal. Silêncio. É lugar de oração.

Depois dirigimo-nos à tipografia. Entrámos na sala de expedição d'O GAIATO. Estava um grande grupo de pequenitos a dobrar o jornal, em cima de várias mesas. Outros, a gravar chapas de assinantes novos. Outros, ainda, cintavam volumes para seguirem para muitas terras. Um mundo maravilhoso de trabalho e trabalhadores me encantou, naquela hora.

■ Sempre que vimos ao norte não deixamos de ir a Beire visitar os Doentes do Calvário — lugar de meditação e de repouso. Ontem eram horas de jantar. Ajudámos a pôr o comer na boca àqueles que estão acamados e se não movimentam. Vi sorrisos de alegria e gratidão em muitos olhos. O Tonito e a Rosa ajudaram a dar comer e jogaram às cartas com alguns.

No fim de jantar, os que quiseram e puderam, reunimo-nos na Capela e celebrámos a Eucaristia. No centro estava um caixão com o corpo de uma Doente que o Senhor tinha vindo buscar, de manhazinha. Rezámos pela Inês. Que ela e todos os outros estejam na Paz de Deus.

Encantou-me esta pequena comunidade de crentes em oração!

Despedimo-nos: — Até amanhã, se Deus quiser.

O Calvário é lugar de meditação e de repouso.

Padre Horácio

CANTINHO das Senhoras

Fala-se muito em festas e muita gente fala no Pai Américo. Mas ele não ficaria mais contente se o ano do seu Centenário ficasse marcado com alguma obra duradoira?

Estou a lembrar as últimas palavras que me disse, ao passar por aqui, em Coimbra (Foi a última vez! Daí a dias teve o desastre.): — **Filha, tu és nossa. Tem coragem. Olha, a Obra não é minha. Quando eu for, é qu'ela há-de começar.**

Estas palavras dão-me coragem e fé de que a Obra da Rua tem de continuar. Mas são precisas almas que se queiram dar sem medida; totalmente, de pés firmes no chão e mãos para trabalhar. Não ter reservas.

É belo darmos a vida pelos que nos rodeiam! Já tenho tido pessoas que me procuram:

— Mas o que será de vocês um dia?!

— Deixamos que o Divino Espírito Santo actue em nós.

Há tanta gente que poderia dar-se ao serviço do Senhor e deixam-se ficar paradas! Não são religiosas nem se casarão; são uns pintainhos sem mãe. Assim não é vida. É morrer.

Se nós meditássemos um pouco, muita coisa não está bem. Não é isto que Pai Américo pregou enquanto andou pelas ruas de Coimbra a consolar Pobres com falta de pão e de carinho — que não tinham lugar na sociedade.

Pai Américo, olha por tudo o que deixaste neste mundo!

Maria da Luz

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — «A Gadanha. A Gadanha inexorável das Escarpas e dos Becos. Há vinte anos que sou, por misericórdia de Deus, visitador dos Pobres. Não vejo nenhum progresso. Não sinto que hoje se faça melhor que então. Nunca vi tantos mortos como agora! Se algo se tem feito, é tanto o que havia por fazer, que parece não vermos nada. E era por aqui. Era por aqui que havíamos de ter começado.

Esta deveria ter sido a inquietação. De outra sorte, Deus não acredita nos seus. Nós mentimos. Dizemos a Ele que sim e ao Próximo que não.» (in *O Barredo*, de Pai Américo)

Ao começarmos a descer a rua da Bandeirinha, um pouco à frente, no lado esquerdo, deparamos com antros de pobreza e de miséria. Ao entrarmos num deles, sentimos um arpejo de medo. Se não fossem os gritos e as correrias das crianças, pensaríamos tratar-se de casas assombradas. No entanto, vivem lá muitas famílias, em condições piores que muitos animais de estimação. Têm tentado resolver a situação pela Junta de Freguesia — que também se sente impotente. Os inquilinos aguardam, em sobressalto, que os ajudem. Já tiveram ordem de despejo. Será que a nossa sensibilidade só aparece com o aparato que estas situações criam?

CAMPAINHA TENHA O SEU POBRE — Ainda o nosso Natal. Um muito obrigado pelos cartões de boas-festas e as palavras encorajadoras que enviaram. Bem precisamos delas.

De Oeiras, para a Conferência de S. Francisco de Assis, Lar do Gaiato do Porto, 10.000\$00: «Irmãos, porque sois mais corajosos que eu, entrego-vos esta pequena quantia para socorrer qualquer necessidade». Um santo Natal para todos, da assinante d'O GAIATO 34727/A. J. R. D., Porto, 5.500\$00: «O que aqui vai não tem qualquer valor, só o entusiasmo e amor com que foi arranjado. As lãs do cobertor foram todas doadas por minha mãe que já tem 88 anos e sempre se preocupou com os necessitados. Eu apenas o teci, o maior trabalho foi dela. Penso que ainda poderá ajudar a dar calor a uma cama mais pobre». A família que levou o cobertor não cabia em si de alegria com o presente. Também, de V. N. de Gaia, recebemos uma migalha que foi para a rua da Bandeirinha, para uma mãe com seis filhos todos pequenitos. 1.200\$00 duma velha Amiga que, apesar de estar reformada, não nos esquece. 1.000\$00 dum anónimo. Mais outro tanto entregue no Lar. 500\$00 para a Conferência Vicentina do Lar do Porto. «Queridos irmãos em Cristo, envio 500\$00 para a vossa Conferência, mais 100\$00 duma senhora amiga e 150\$00 doutro» — assinante 19177.

Bem hajam todos pelas ajudas que nos dão.

José Alves

ASSOCIAÇÃO dos Antigos Gaiatos do Norte

Na cidade de Coimbra, principiaram as comemorações do Centenário do nascimento de Pai Américo. Estiveram presentes elementos da nossa Associação. Passámos horas inesquecíveis, naquela tarde de Janeiro. E regressámos ao Porto com o coração a transbordar de orgulho e satisfação por tudo quanto ouvimos, de Pai Américo.

Primeiro, as palavras de D. João Alves. Na Sé Catedral falou do Pai dos Pobres. Mais tarde, no auditório da Universidade, ouvimos testemunhos da vida de Pai Américo, através da palestra do Bispo de Aveiro e de José Carlos de Sá e dois gaiatos: Carlos Manuel e Guido. Dos primeiros passos da sua grande arrancada para acordar milhares de corações adormecidos, até à realização da Obra em proveito dos Pobres, das Crianças desprotegidas — pelo muito amor que tinha a Cristo.

No âmbito das comemorações do Centenário, a nossa Associação planeia ini-

ciativas que demonstram continuarmos muito ligados à nossa Obra.

Podemos adiantar que vamos organizar o nosso convívio anual, em Paço de Sousa, a 19 de Julho. Haverá uma sessão solene (à nossa maneira) e antigos gaiatos testemunharão aos actuais a sua convivência, dia-a-dia, com Pai Américo.

Pensamos, também, organizar uma excursão, de autocarro, às nossas Casas do Gaiato de Miranda do Corvo, Tojal e Setúbal (dois dias: sábado e domingo) cuja data marcaremos na próxima Assembleia.

Aí vai a convocatória do presidente da Assembleia, José Lemos, nos termos dos Estatutos da Associação: «Convoco todos os associados para reunirem no próximo dia 28 de Fevereiro, pelas 14 horas, na sede da Associação sita à Rua D. João IV, 682, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Informações

2 — Comemorações do Centenário de Pai Américo».

Carlos Gonçalves

Não temos dado contas desta nossa **procissão** — tão importante e verdadeira. Muito mais que as acompanhadas a intenso foguetório ou, nos altos montes, regadas de festejos. Que nos diria o Senhor Jesus destas «santas» procissões e «airosas» romarias?! Para mais sabendo como Ele sabe que muitos filhos dos lugares das ditas não têm uma casinha ou vivem em condições precárias.

«Estava nu e tu não Me vestiste» — dirá o Senhor...

É dura a Sua linguagem; sobretudo quando deslisamos, até insensivelmente, para o gosto de ter e de possuir — esquecendo o irmão.

Mas, vamos começar:

Foi mesmo ontem que um casal amigo apareceu. Queriam ver casas dos Autoconstrutores e do Património dos Pobres.

AGORA

Fomos. No caminho fui-lhes explicando como através dos Párocos enviamos as ajudas para os telhados. Na freguesia de Rans, viram as casas do Património dos Pobres e as obras de aumento numa das casas onde uma família, com muitas dificuldades e muitos filhos, já não cabe. Em comunhão com o presidente da Junta de Freguesia estamos fazendo mais um quarto. Vi-

ram, depois, o projecto do bairro dos nossos rapazes casados. Quiseram ver e sentir. Eles próprios ainda não pagaram totalmente a casa que construíram. Isto não impediu que deixassem um telhado.

Hoje, começa bem a nossa **procissão** com este casal, do Porto, e seus três amorosos filhos — peregrinos dum amor mais perfeito.

E logo a seguir a esta família (que tendo um bem pensa no mesmo bem para os Outros) vêm com suas velas floridas:

Judith Marçal; Viviane; Alda Farinha; menina Fábria; Dr.ª Felicidade — muitas vezes; assinante 26209/A; Maria Adriana; assinante 32733; Felismina Mota prometendo tintas para a casa dos noivos; Margarida Maria com sua frase de ordem: «Para que acabem os bairros da lata»; Maria Margarida para ajuda de alguém que necessite de construir a sua casa. Mais, para telhas, de Eduarda de Sousa. Tantos anónimos no Espelho da Moda e no Lar do Porto! Veio, como sempre, a «mãe que crê em Deus». Igualmente, os funcionários da Caixa Têxtil; Ana Maria; Joaquim Mendes; Maria Engrácia que nos diz: «Quem me dera poder mandar milhões para que todos pudessem ter a sua casa!». Que lindo! Mais o Amigo M. L.: «Desde o pão a telhas». A «Casa Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo» sempre presente com tanto carinho. M. Pereira, Amélia, Maria Fernanda e Maria Mafalda vieram, de Lisboa, com ajudas.

Dr. Joaquim Belo com uma telha, Adozinda Figueiredo com trinta, Sofia da Glória com cinco e José da Graça com uma. Mais uma presença de M. M. — A. L. Não faltou à «Casa da Paz» (que já vai com 440 mil): «Peço que me desculpem levar isto tão contadinho, mas é a ansiedade de cumprir o dever de dar um tecto a um irmão em Jesus Cristo a quem a sorte ainda não permitiu conseguir». Bendita ansiedade! E o «dever»? Como este nosso irmão M. M., do Porto, lê bem o Evangelho e nos interpela! Mais a presença de Laura Marques com um telhado, dizendo que foi e tem sido sempre a sua prenda de Natal mais cara. Pois que o Senhor lhe dê muitos e santos Natais.

O Pálio vem no fim com um sacerdote que tinha começado a construir aqui, na terra, a «sua morada». De repente, acordou do mau sonho. Na sua encruzilhada encontrou-se com o olhar bondoso do Senhor e ei-lo connosco. Ao lado, em espírito, a presença e recordação do nosso Lázaro, do Barrocal do Douro, amigo simples e puro. Dele recebemos as suas economias. De seus amigos da barragem, sua memória, muitas ajudas para as telhas dos Pobres.

Bem-aventurados os Pobres! E Pobres são todos os que libertaram o coração das coisas e, com simplicidade, ajudam os irmãos a caminhar.

Padre Telmo

Os nossos livros

Cont. da 1.ª pág.

conexos, como justamente sucedeu com o **De como eu fui...** cujo título diz mais propriamente respeito à primeira parte do livro, enquanto a segunda, sobre Visitantes, é um «de como eles vieram até nós...»

A Obra da Rua é um diálogo que se realiza em circulação de vida, movimento de fluxo e de refluxo como é o das marés que fazem mais vivo o mar.

Assim, a não poder ser todas as edições em volumes separados, não nos pareceu desusada esta associação.

Pois semelhante terá de acontecer com **Páginas de Pedagogia**. E porque temos de amadurecer melhor a melhor associação possível, o título a publicar a seguir vai ser **Cartas** que esse, sim, dará por si mesmo, um volume razoável.

De resto, era também pensamento de Pai Américo dá-las à estampa em livro. Não me lembro onde ele o diz nem vou gastar tempo a procurá-lo; mas sei que o disse.

A correspondência dos Leitores é, desde sempre, uma presença constante a enriquecer a vida do GAIATO. Com

ela costumamos fazer a festa do aniversário do jornal. Ela é o principal argumento demonstrativo daquele diálogo de que falei acima.

Vamos, pois, às **Cartas**. Quantas coisas maravilhosas o Espírito nos tem sugerido por meio de cartas de Leitores! Quantos comentários em graça foram a resposta de Pai Américo! Até nomes, como o do Património dos Pobres, resultaram deste intercâmbio tão salutar! Até campanhas, como aquela que nunca chegou a concretizar-se, de um tostão pelo impresso do totobola em favor da construção de casas para Pobres! Não chegou a concretizar-se..., não por falta de entusiasmo de tantos aderentes do alvitre, mas por força dos interesses instalados! Santa circulação esta que vincula a «Família de fora» à «Família de dentro» — a grande Família da Obra da Rua!

Vamos, pois, digerindo atentamente o **Notas da Quinzena** enquanto não vem o aperitivo do **De como eu fui...** a despertar o sabor para outro prato, mais succulento, que será **Cartas**.

Padre Carlos

muito do exemplar que recebeu. Já lhe li alguns capítulos — afirma a serva dum Prelado que, naquele tempo, testemunhou a Obra da Rua como Obra da Igreja. O maior estímulo do Senhor D. António a Pai Américo!

Descamos à capital. Não por ser a capital, mas porque na multidão sobressai a reflexão do assinante 28479:

«Muito obrigado pelo último livro de Pai Américo: Notas da Quinzena.

Mais de 30 anos depois, ao relê-las, dão a impressão de escritas hoje! Têm a força e a actualidade de todas as palavras saídas do Evangelho.»

Paramos em Coimbra — Universidade de Pai Américo — a convite do assinante 20613:

«Acabo de receber o Notas da Quinzena. Maravilhosas páginas de epifania. Nelas se revela Jesus Cristo. Ele a base. Ele o argumento. Ele o fim a atingir.

Conheci o Pai Américo, ainda em Coimbra. Já, então, se manifestava em todo o esplendor do Sacerdócio, junto do Pobre, da Criança abandonada, de todos os carecidos da palavra de Vida Eterna. Depois, esta semeou a jorros com uma pena genial guiada pela fidelidade ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

Saudades do Homem que eu vi, graças à reedição da sua palavra que reflecte a Luz da Eternidade.»

Para se espalhar a Luz, saíram já, do nosso prelo, 9 títulos de Pai Américo. Ei-los, para conhecimento dos novos leitores — que não são poucos!:

Pão dos Pobres (quatro volumes), Obra da Rua, Isto é a Casa do Galato (dois volumes), Barredo, Ovo de Colombo, Viagens, Doutrina (três volumes), Cantinho dos Rapazes; e a novidade: **Notas da Quinzena**.

Temos mais as seguintes obras, doutros autores: **A Porta Aberta — Pedagogia do Padre Américo, métodos e vida**, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; **Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico do Padre Américo**, Dr. João Evangelista Loureiro; **O Lodo e as Estrelas**, Padre Telmo; e o **Calvário**, de Padre Baptista, que esgotou!

Júlio Mendes

O «NOTAS DA QUINZENA» na mão dos Leitores

É uma formalha ardente! Muitas cartas de todo o mundo! Bispos, padres, religiosos, doutores, licenciados, gestores, operários, pensionistas, pais, mães, filhos, netos... sublinham quanto o livro toca as almas. E nesta dinâmica espiritual, há também corações sufocados — sem palavras para se exprimirem! Tocados pelas maravilhas do Senhor Jesus, pela mão de Pai Américo.

«Acabo de receber o Notas da Quinzena com mais um

punhado de pérolas saídas da pena, depois de geradas no coração do Padre Américo. Para quem o conheceu de perto, aquelas constituem oportunidade para reavivar um convívio que persiste na lembrança e saudade» — diz o Senhor Arcebispo de Braga.

«Recebi, com muita alegria, mais um livro do Padre Américo — o Notas da Quinzena. Leitura que nunca cansa, que faz bem, que faz meditar. O Senhor Bispo também gostou

AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

satisfação das carências existentes.

O problema da criança das ruas é de uma actualidade candente. Mais do que ouvir palavras gostaríamos de ver acções. Por nós, que com os nossos companheiros de rota nos vamos gastando ao seu serviço, muito folgaríamos, neste ano Centenário de Pai Américo, de sentir um interesse redobrado por toda esta temática, que tão cara lhe foi. Haja vontade e mãos à obra, não deixando para amanhã o que se pode fazer hoje.

CENTENÁRIO DE PAI AMÉRICO — Será no dia 8 de Março próximo, pelas 15 horas, em local a indicar, que se efectuará a sessão comemorativa correspondente ao nível das

Dioceses de Lisboa e de Setúbal, sob a presidência do Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa. Para ela ficam, desde já, convidados todos os nossos Amigos e, com muito mais razão, os ex-gaiatos.

A sessão constará de uma conferência de fundo, três ou quatro testemunhos breves e uma actuação artística dos «Batatinhas» de Setúbal e de Lisboa.

FESTA — Podemos confirmar que se realizará em 26 de Abril, pelas 11 horas, no Cinema Império. Os ensaios estão, segundo informações dos responsáveis, a decorrer a bom ritmo. Brevemente, nos locais do costume, podem ser encontrados os bilhetes.

Padre Luiz



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administr.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA - 4560 Penafiel - Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa - 4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Janeiro: 63.743 exemplares.